

RAMOS, Jarbas Siqueira. **Questões epistemológicas sobre o corpo-encruzilhada**. Rio de Janeiro/RJ: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio; Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC; Doutorando; Orientador: Narciso Telles. Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia – UFU; Professor Assistente. Ator, Bailarino, Diretor, Professor. Fonte Financiadora: CAPES.

**RESUMO:** Das reflexões que subsidiam o corpo-encruzilhada como conceito chave que norteia os nossos estudos de corpo no ritual e na cena, abordarei nesse trabalho as que concernem aos aspectos epistemológicos da pesquisa. Apresento, portanto, algumas considerações acerca da metáfora como elemento necessário para a compreensão das encruzilhadas epistemológicas, bem como reflexões que postulam o corpo-encruzilhada como uma “epistemologia do sul”. Essas reflexões encontram fundamentações nas pesquisas de campo e em leituras teórico-conceituais de autores que pensam a epistemologia da pesquisa nas ciências sociais e nas artes. Buscamos assim contribuir para novas reflexões acerca das epistemologias de pesquisa em artes cênicas, especialmente aquelas que se referem a pesquisas sobre o corpo.

**Palavras-Chaves:** Corpo-Encruzilhada. Epistemologia de Pesquisa em Artes Cênicas. Metáforas.

**ABSTRACT:** Of the reflections that subsidize body-crossroads as key concept guiding our studies of the body in ritual and in the scene, this paper will discuss those concerning the epistemological aspects of research. I present, therefore, some considerations about the metaphor as necessary element for an understanding of the epistemological crossroads, as well as reflections that postulate that the body-crossroads as "epistemology of the South." We seek thus to contribute to new thinking about the epistemology of research in the performing arts, especially those that refer to research on the body.

**Keywords:** Body-Crossroads. Epistemology of research in arts scenic. Metaphors.

Durante um longo tempo as pesquisas que buscavam abordar temáticas relacionadas às “danças brasileiras” foram realizadas por profissionais dos mais diversos campos de atuação, como a música, a literatura, a história e a antropologia. Contudo, o desejo pelo registro etnográfico de folcloristas como Mário de Andrade, Arthur Ramos, Câmara Cascudo, Sílvio Romero, entre outros, mostram-se bastante frágeis e pouco detalhadas no que se referem às observações e registros sobre o corpo que dança.

É certo que o cânone eurocêntrico (e aqui incluo procedimentos de pesquisas das etnociências) não tem dado mais conta das propostas de pesquisa que buscam, cada vez mais, abordar estudos do corpo em grupos, rituais, elementos, objetos e sujeitos muito singulares e com vivências estéticas peculiares como aqueles encontrados nas manifestações populares da cultura brasileira. Nessa perspectiva, as pesquisas desenvolvidas na interface entre corpo e cultura popular têm lidado, de um modo geral, com novas experiências metodológicas/epistemológicas em seus

procedimentos investigativos, gerando outras práticas de pesquisa e orientando novas propostas paradigmáticas.

Dos aspectos epistemológicos que têm sido utilizados como recursos para o desenvolvimento dessas pesquisas, um em especial tem chamado a minha atenção: a recorrência da **metáfora** como elemento constituinte do discurso sobre o corpo. De diferentes modos, as concepções sobre o corpo brincante, corpo ritual, corpo espetacular, corpo festivo e tantas outras terminologias que abordam os estudos do corpo na cultura popular só fazem sentido se entendidos a partir de uma compreensão particular e por uma perspectiva metafórica.

Desse modo, aqui proponho discutir duas questões: a primeira pretende criar uma reflexão que compreenda tanto a conceitualização da metáfora a partir dos estudos da linguagem, como as possibilidades epistemológicas que tenho observado sobre o que chamo de postura metafórica no contexto da pesquisa de doutoramento; a segunda abordará as questões epistemológicas na proposição de conceitualização do corpo-encruzilhada e suas possíveis reverberações no pensamento do corpo tanto no ritual como na cena.

## DA METÁFORA E SUA DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA

Metáfora é uma palavra grega que significa, em sua etimologia, “transferência ou transporte”. Se a princípio a metáfora estava ligada apenas a ideia de figura de linguagem no campo da linguística aplicada, os estudos iniciados por George Lakoff e Mark Johnson (1980) apontaram que a metáfora é, na verdade, um recurso largamente utilizado pelos sujeitos em suas práticas cotidianas, especialmente quando associadas à imaginação e ao sentimento, uma vez que para os autores a sua condição primeira é entender e experienciar um tipo de coisa em termos de outra. Christine Greiner (2010, p. 47) aponta, a partir de sua reflexão sobre o pensamento de Lakoff e Johnson, que:

[...] as metáforas não são apenas figuras de linguagem ou um produto da imaginação poética. Elas dizem respeito a todo tipo de deslocamento de pensamento e ação. Os autores consideram que nosso sistema conceitual, em termos do que pensamos e de como agimos é, ele mesmo, de natureza fundamentalmente metafórica.

Em termos conceituais, devemos entender que a construção da metáfora se dá na linguagem e que sua compreensão exige a transposição de domínios para a evocação de um novo processo cognitivo. Isso significa que um determinado enunciado deve ser compreendido/interpretado a partir de uma reorganização dos sentidos e significados atribuídos pela experiência dos sujeitos, numa desarticulação do que seria o *sentido literal* para o aparecimento do *sentido metafórico*. Paul Ricoeur (1992, p. 148) afirma que:

O *criador* de metáforas é esse artesão com habilidade verbal *o qual*, a partir de um enunciado inconsistente para uma interpretação literal, extrai um enunciado significativo para uma nova interpretação que merece ser chamada metafórica por gerar a metáfora não apenas como um desvio mas por ser também aceitável. Em outras palavras, o significado metafórico não consiste meramente em um choque semântico mas em um *novo* significado predicativo que surge a partir do colapso do significado literal, isto é, do colapso do significado que se obtém se confiarmos apenas nos calores lexicais usuais ou comuns de nossas palavras.

Como exemplo dessa transposição de sentidos, o pesquisador Antônio Suarez de Abreu (2010, p. 47), apresenta, a partir das concepções do que viria a ser as metáforas primárias propostas por Lakoff e Johnson, algumas expressões usualmente proferidas pelas pessoas na sua relação com o mundo: “*Afeição é quente*: Eles me cumprimentaram calorosamente”.

Segundo Ricoeur (1992), as metáforas surgem como uma maneira mais radical de ver as coisas, tendo a capacidade de desvendar outra camada da realidade que não seria possível de ser apreendida a partir de uma linguagem mais descritiva. Contudo, ele alerta que a compreensão do *sentido metafórico* requer uma habilidade cognitiva e intelectual muito peculiar: a de compreender diferentes pontos de vista ao mesmo tempo. A isso, Jakobson chamou de referência dividida ou ambiguidade na referência.

Lakoff e Johnson (1980) apontam a importância da experiência corporal na construção de metáforas conceituais. A maneira de falar, a forma de organização do discurso, a ordem dos enunciados, fazem parte de uma nova orientação para compreensão da metáfora, que pode ser entendida como “linguagem corporificada”. Para Christine Greiner (2005), a compreensão das estruturas e experiências corporais (modo de se orientar no espaço; forma de interação com objetos, eventos ou pessoas; estados corporais em momentos especiais, como festas e rituais) possibilita um entendimento e significação das metáforas numa outra dimensão, já que fazem uso de outros elementos como a sensibilidade e a percepção.

De acordo com Christine Greiner (2005), quando a compreensão metafórica passa pela relação com o corpo, nem sempre é fácil identificar as noções e procedimentos que orientam o sentido metafórico, haja vista que as experiências são fruto de nossos corpos agindo sobre o mundo.

Aqui, proponho pensar uma epistemologia que tenha como ponto de partida uma **postura metafórica**. Isso significa a emergência de uma nova posição diante do mundo que se vê, o que possibilita a construção de novos sentidos sobre pontos específicos de uma observação. Essa nova postura epistemológica tem como prerrogativa a ambiguidade de referência, a multiplicidade de perspectivas, a produção de novos símbolos, a construção de novos significados, a proposição de outras práticas de comunicação, a criação de outros argumentos.

## **QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS SOBRE O CORPO-ENCRUZILHADA**

A busca de uma conceituação sobre o corpo-encruzilhada tem sido uma meta importante no processo investigativo que tenho me submetido. O desenvolvimento deste conceito gira em torno de três questões principais: a compreensão da existência de atravessamentos no/do corpo em práticas rituais e nas artes da cena; o entendimento de uma necessidade de descolonizar o corpo, como procedimento que possibilita perceber o estudo do corpo por mecanismos próprios da experiência local; e as questões epistemológicas, que orientam uma postura de pesquisa que considera a necessidade de reinvenção de novos horizontes para uma melhor compreensão da relação corpo-espaço-atravesamentos-movências. Neste trabalho, me atarei a abordar a questão epistemológica do corpo-encruzilhada.

Os procedimentos de pesquisa suscitaram, desde o início, a necessidade de uma revisão epistemológica que conseguisse abarcar os conhecimentos apreendidos no processo de investigação, considerando a experiência local acima de pressupostos acadêmicos já cristalizados no pensamento hegemônico. Nessa direção, diversos autores como Boaventura de Sousa Santos, Nestór Garcia Canclini, Jesus Martin-Barbero, entre outros, tem suscitado questões sobre a descolonização epistemológica e propondo outros caminhos para a construção de novas posturas investigativas.

Dois pontos são importantes para compreensão das qualidades epistemológicas da metáfora: o primeiro refere-se à compreensão das metáforas corporificadas; o segundo, à perspectiva das redes de significações metafóricas atribuídas aos estudos do corpo tanto no ritual como nas artes da cena.

No que se refere às metáforas corporificadas, estamos falando sobre a capacidade dos sujeitos de apreensão dos saberes e sua corporificação a partir de sua relação com o mundo a sua volta. Para Diana Tylor (2012), os saberes corporificados são aqueles que foram constituídos historicamente na relação com a experiência social e que compõe o nosso *repertório*, podendo ser imediatamente utilizados na solução de novos problemas. Numa dimensão mais ampliada, podemos entender que as metáforas corporificadas são fundamentais na compreensão de determinados signos de linguagem de uma sociedade<sup>1</sup>.

No que se refere ao segundo ponto, quando abordo as redes de significações metafóricas refiro-me a um complexo conjunto de elementos que são subsidiados e produzidos por uma extensa rede de signos, símbolos e significados em uma determinada sociedade ou contexto cultural. Cada experiência deve ser entendida como um exercício coletivo de significação, o que cria ambientes ricos em processos de simbiose, mas que somente podem ser compreendidos no seu contexto.

Em muitos casos, essa rede de significação somente pode ser compreendida diante do complexo conjunto de informações apresentadas na rede de significações metafóricas. Segundo Eloísa Domenici (2009), as experiências corporais são fundamentais para o desenvolvimento de categorias conceituais que se sustentam como a base tanto do pensamento como da linguagem. Ou seja, as experiências subjetivas se dão na conexão entre movimento e conceituação. Para a autora, “o aprendizado dos movimentos não está dissociado das metáforas associadas e se dá simultaneamente, ou seja, a significação e a técnica emergem no corpo de maneira concomitante e não-dissociada” (DOMENICI, 2009, p. 14).

Um exemplo dessa proposição está no trabalho do professor Zeca Ligiéro (2011), quando aponta que nas manifestações de performances culturais há uma relação indissociável entre o cantar-dançar-batucar e todos os demais elementos que compõem os sujeitos em suas performances. Em suas experiências de pesquisa aponta ao leitor que os saberes incorporados somente podem ser apreendidos pelo observador quando o brincante/performer está composto por todos os aparatos que compreendem a sua performance. Nessa direção, até o modo de agir é modificado,

---

<sup>1</sup> Ver: A briga de galos de Clifford Geertz, em seu livro A Interpretação das Culturas.

pois o corpo encontra-se em um estado de significação diferente daquele do cotidiano.

Na construção da ideia de corpo-encruzilha, a adoção de uma postura metafórica possibilita a construção de novas possibilidades epistemológicas para o estudo do corpo nas práticas dos rituais congadeiros e nas experimentações cênicas que surgem a partir do contato com esse universo. Desde a concepção do conceito, que pretende multivocalizar as diferenças existentes no contexto da pesquisa, à compreensão de que falar em corpo-encruzilha já é uma construção de uma abordagem metafórica, essa proposta se coloca como um complexo conjunto reflexivo sobre o universo que aborda o estudo do corpo nos diferentes ambientes de observação.

Ao adotar essa prática epistemológica entendo a necessidade de reconfiguração dos saberes e uma revisão substanciada dos procedimentos e instrumentos de pesquisa. Trata-se do desejo de descolonização do corpo, evitando a utilização de termos e conceitos pré-determinados pelos estudos eurocênicos e assumindo os saberes locais com a mesma importância e significação que os acadêmicos. Assim, a condução da reflexão sobre o corpo e suas diferentes dimensões somente pode acontecer se estivermos preparados para assumirmos a necessidade de deslocamentos de sentidos, processos, entendimentos, lugares, espaços.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **Linguística cognitiva**: uma visão geral e aplicada. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2010.

DOMENICI, Eloísa. A pesquisa das danças populares brasileiras: questões epistemológicas para as artes cênicas. In: **Cadernos do GIPE-CIT**: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade. Universidade Federal da Bahia. Nº. 23, out. 2009. Salvador/BA: UFBA/PPGAC, 2009.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2005.

\_\_\_\_\_. **O corpo em crise**: novas pistas e o curto-circuito das representações. São Paulo: Annablume, 2010.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo**: estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

RICOUER, Paul. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: SACKS, Sheldon. **Da metáfora**. Trad. Leila Cristina M. Darin. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992. p. 145 a 160

TYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Trad. Eliana Lourenço Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.